

Menino não entra

Você tem coragem de sobra e gosta de cuidar da aparência quando pratica alguma atividade física? Então conheça o roller derby, um esporte ágil (só para mulheres de fibra) Por **THAIS CARAMICO**

Fotos **ANDRÉ BATISTA**



Da esq. para a dir., as derby girls Juliana, Marina, Débora, Beatriz Damasceno e Beatriz Berto, da Ladies of HellTown. Em dezembro, três delas (Marina, Débora e Beatriz Berto) vão representar o Brasil na Copa do Mundo, no Canadá.

Cinco patinadoras em cada time. Uma delas faz de tudo para correr mais e ultrapassar as adversárias, que tentam bloquear seu movimento. É essa, basicamente, a dinâmica do roller derby, que chegou por aqui em 2009, com a formação da primeira liga brasileira. A falta de restrição ao tipo físico, o estilo de se vestir dentro e fora das quadras, os apelidos e a convivência amistosa entre as ligas fizeram com que o esporte cativasse meninas (só meninas!) de vários pontos do país. Ana Paula Gualda, 20 anos, de Manaus, Maria Fernanda Verdasca, 22, de Curitiba, e a paulistana Beatriz Damasceno, 19, são algumas das nossas derby girls. “Estamos entusiasmadas com o crescimento do esporte. Queremos chegar aos Jogos Olímpicos”, diz a presidente da associação internacional WF-TDA (Women’s Flat Track Derby Association), Anna Krajcik.

A partida, realizada em uma pista oval e plana, é dividida em dois tempos de 30 minutos. Ganha quem pontuar mais, simples assim. A jammer leva uma estrela no capacete e tem de ultrapassar o maior número de vezes as adversárias. A cada ultrapassagem, o time ganha um ponto. Em dois minutos (tempo máximo de cada rodada) ela pode passar a defesa das oponentes quantas vezes conseguir (ufa!). As outras meninas da equipe (blockers) trabalham na defensiva, bloqueando a adversária com o corpo – vale ▶



Debbie Hatcher

Débora Machado, 23 anos



Mariah Bearings

Beatriz Berto, 26 anos



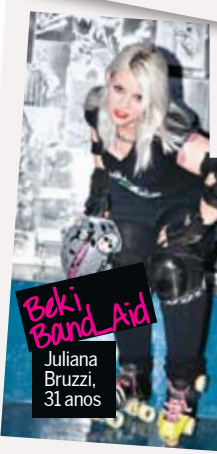
Mojo n' Jet

Marina Veloso, 26 anos



Cherry Dalle

Beatriz Damasceno, 19 anos



Beki Band Aid

Juliana Bruzzi, 31 anos

Ellen Page em *Garota Fantástica*



um empurrãozinho e até um “chega pra lá” com os ombros ou com o quadril. Chutes, rasteiras e empurrões com as mãos são proibidos. Mas o impacto corporal é forte. “Até hoje muitas ligas têm um ‘wall of pain’ [mural da dor], onde exibem os hematomas com orgulho”, conta Beatriz, da Ladies of HellTown.

VAI ENCARAR?

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS E RISCOS

O derby é um jeito divertido de se exercitar, mas exige cuidados. “Com treino e equipamentos é possível diminuir as chances de lesões e hematomas”, diz Anna Krajcik. Não se entra no jogo sem luva, munhequeira, joelheira, cotovela e protetor bucal. O preparador físico Márcio Atalla garante que ter a musculatura forte e bem preparada é ideal para evitar lesões maiores. “A atividade depende de um bom preparo aeróbico. O treino de uma hora chega a representar um gasto de 350 a 400 calorias”, diz.

ONDE PRATICAR E ASSISTIR

O primeiro passo é procurar a liga mais próxima e assistir a um treino. A fan page Roller Derby Brasil, no Facebook, é um bom canal para isso. Não se preocupe com a parte técnica: as meninas ensinam a patinar. Ainda não há nenhum campeonato nacional, mas as ligas brasileiras já vêm se preparando para a Copa do Mundo, que será realizada em dezembro, no Canadá.

O esporte mistura sensualidade e agressividade. “É uma maneira de se distrair, jogar energia fora e esquecer o dia a dia”, diz Ana Paula, da Royal

Victory Derby Girls. Para ajudar a esquecer todo o resto, ninguém leva para a quadra o nome verdadeiro. Elas assumem outra identidade – Lotta Trouble, Rhoda Badcheck, Lois Slane, Beyonslay, Puss n’ Glutes e Georgia W Tush. Os apelidos são cadastrados pela WFTDA em uma lista mundial, que evita repetições.

Além do nome, a roupa também é outra. É comum ver meia-calça (às vezes arrastão), maquiagem, peças ousadas e bem coloridas – tudo fofo e des-

colado ao mesmo tempo. “Pode até ter um tema específico, como bruxa, vampira ou marinheira... Depende da criatividade e do desejo da liga”, diz Luana de Martin Canal, 21, da liga Cranium Basher Dolls, do Espírito Santo. E, claro, o indispensável: o clássico patins “quad

speed”. Todas fazem questão de frisar que fora das quadras são muito unidas. “A beleza do esporte também vem da cooperação entre as ligas. É o maior clube da Luluzinha!”, conta Maria Fernanda, da Blue Jay Rollers. ■